

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA

WOLFGANG SAWALLISCH
Diretor Musical e Regente



Votorantim

VOTORANTIM 80 ANOS

No ano de 1900, na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos, fundava-se uma orquestra que se transformaria, muito depressa, em uma das melhores e mais significativas orquestras do planeta. No ano de 1918, na cidade de São Paulo, criava-se uma empresa que se tornaria, também muito depressa, um dos mais ativos e importantes grupos industriais de nosso País. Dezoito anos separam o nascimento da Orquestra da Filadélfia e o surgimento do Grupo Votorantim, dois empreendimentos cujas contribuições à sociedade, cada uma a seu modo, vêm engrandecendo suas histórias.

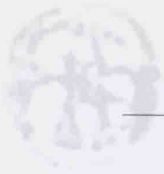
A presença da Votorantim na vida econômico-social brasileira tem sido marcada, desde sempre, pela busca da inovação tecnológica, pela vocação de gerar empregos e oportunidades de trabalho e pela preocupação permanente de contribuir para o progresso do País. Contudo, nossa responsabilidade empresarial jamais se esgotou unicamente no plano da micro ou da macroeconomia, já que há muitos anos temos procurado contribuir também para a melhoria da vida e da qualidade da vida brasileira, através de inúmeros programas e projetos sociais e culturais. Mas não nos parece ser o caso de estendermo-nos, aqui e agora, sobre a relevância da atuação sociocultural da Votorantim. Afinal, esta é uma noite de festa, arte e música. E música tem estado sempre em pauta, há bastante tempo, na agenda da Votorantim.

Há diversos anos que nosso amor pela música vem-se expressando por meio de colaborações com diversas entidades. Em uma ocasião tão festiva como esta, e dentro de um teatro tão querido quanto este, seria para nós impossível deixar de registrar a satisfação com que temos patrocinado regularmente a Associação Patronos do Theatro Municipal de São Paulo, o Mozarteum Brasileiro e a Sociedade de Cultura Artística, três instituições que tanto engrandecem a vida cultural e artística da Cidade de São Paulo.

Não é de surpreender, portanto, que estejamos comemorando os 80 anos da Votorantim com a música extraordinária da Orquestra da Filadélfia, liderada hoje por um dos grandes Regentes da segunda metade do século XX. Esta noite é uma noite de festa, para nós e nossos amigos e colaboradores. Reunidos em torno da música e dos artistas da música, celebramos todos juntos não apenas nossos 80 anos, mas também, e sobretudo, o que de melhor e de mais elevado o espírito humano é capaz de experimentar e construir.

José Ermírio de Moraes Filho

Presidente do Conselho de Administração



apresenta

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA

WOLFGANG SAWALLISCH

Diretor Musical e Regente

25 de maio de 1998

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

realização

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA





Em todas as suas apresentações – nos Estados Unidos e em suas turnês mundiais –, a Orquestra da Filadélfia é sempre festejada pela crítica como uma das melhores orquestras do planeta e acolhida pelo público com o calor e o entusiasmo dispensado apenas àqueles artistas capazes de estabelecer uma comunicação direta, intensa e generosa com os amantes da boa música.

Celebrando em 1998 sua 98ª Temporada, há muitas décadas que a Orquestra da Filadélfia firmou-se como um conjunto esplêndido, de técnica apuradíssima, capaz, simultaneamente, de manter os mais elevados padrões da música sinfônica tradicional e permanecer na linha de frente do novo repertório musical erudito e das novas tecnologias.

Com suas turnês nacionais, e suas gravações e concertos para crianças e jovens, os “fabulosos filadelfianos”, como são conhecidos nos Estados Unidos, têm sido figuras hegemônicas na vida musical norte-americana; sua reputação internacional, por sua vez, vem sendo continuamente reiterada pelas muitas turnês da Orquestra da Filadélfia na Europa, na Ásia, nas Américas Central e do Sul e na ex-União Soviética.

Além de ter estado à frente das estréias mundiais de obras de Schoenberg, Bartók, Rachmaninoff, Webern, Barber, Harris e Sessions – marcos da música do século XX –, a Orquestra da Filadélfia apresentou também as primeiras audições norte-americanas de obras-primas de Stravinsky, Mahler, Strauss, Berg e Shostakovich. Mas seu pioneirismo não se esgota nesse campo, já que a Orquestra da Filadélfia é detentora também de uma extraordinária coleção de *premières* no que se refere à introdução da música sinfônica nos meios de comunicação de massa: foi a primeira orquestra sinfônica a realizar gravações elétricas, em 1925; a primeira a ter um programa especial de rádio, com patrocínio comercial, em 1929, na *NBC*; a primeira a executar a trilha sonora de um filme, *The Big Broadcast*, em 1937, para a *Paramount Pictures*; a primeira a aparecer em rede nacional de televisão, em 1948, na *CBS*; a primeira orquestra norte-americana a gravar em *CD* a integral das Sinfonias de Beethoven, em 1988; e a primeira grande orquestra sinfônica do mundo a realizar um concerto ao vivo pela *Internet*, em 1997.

Leopold Stokowski e a Orquestra da Filadélfia entraram para a história do cinema em 1940, quando definiram e interpretaram a trilha sonora do filme *Fantasia*, de Walt Disney, desenho-animado que, provavelmente, fez mais para popularizar a música sinfônica nos Estados Unidos do que qualquer outro filme, programa de rádio, televisão ou disco. Um dos conjuntos que mais turnês mundiais realizaram na história da música no século XX, a Orquestra da Filadélfia foi a primeira Embaixadora Sinfônica Norte-americana na República Popular da China, onde se apresentou com enorme sucesso em 1973.



A posição de destaque e o prestígio de que a Orquestra da Filadélfia desfruta há muitas décadas no cenário mundial da música erudita deve-se, em boa medida, à série ininterrupta de grandes regentes que estiveram à frente do conjunto como seus Diretores Musicais. Quando de sua fundação, em 1900, a Orquestra designou Fritz Scheel como Primeiro Regente; sucedeu-o, em 1907, Carl Pohlig, ex-Diretor Musical da Corte de Stuttgart e assistente do compositor Gustav Mahler. Leopold Stokowski, inglês de origem polonesa, assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia em 1912, posição que conservaria por 24 anos. Ao longo desse período, deu grandeza ao conjunto, contratou os melhores instrumentistas de sua época, propôs e implementou projetos inovadores e promoveu inúmeras primeiras audições, mundiais ou norte-americanas, de obras de Mahler, Berg, Sibelius, Rachmaninoff, Schoenberg, Stravinsky e Scriabin.

Em 1936, o húngaro Eugene Ormandy assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia, mantendo e ampliando seu nível de excelência ao longo dos 44 anos em que esteve à frente de seus músicos. Sob a batuta de Ormandy, a Orquestra realizou inúmeras turnês – que levaram sua música a diversos países da Europa e da América Latina, e também ao Japão, à Coréia e à China Continental – e registrou cerca de 400 gravações, duas centenas delas disponíveis ainda hoje, em discografia três vezes premiadas com o Disco de Ouro.

Sucedendo a Ormandy, em 1980, o italiano Riccardo Muti firmou a tradição de versatilidade da Orquestra, introduzindo em seu repertório novas obras e composições pouco conhecidas, pinçadas de todos os períodos da história da música. Paladino da música con-

temporânea, encomendou criações a um grande número de compositores e designou o norte-americano Bernard Rands, vencedor do Prêmio Pulitzer, como o Primeiro Compositor Residente da Orquestra da Filadélfia. Além disso, Riccardo Muti reviveu a tradição operística da Orquestra, apresentando versões de concerto de óperas de Verdi, Puccini e Wagner, dentre outros grandes nomes da música lírica.

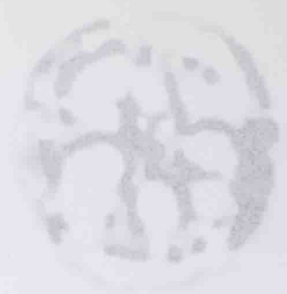
Em 1990, a Orquestra da Filadélfia anunciou a nomeação de Wolfgang Sawallisch, alemão natural da cidade de Munique, como seu futuro novo Diretor Musical. Sawallisch assumiu o posto em 1993, depois de trabalhar por 21 anos como Diretor Musical e Geral da Ópera Estatal Bávara de Munique, com a qual se tornou conhecido no mundo inteiro por suas interpretações de Mozart, Strauss e Wagner. Dentre os pontos altos da Direção Musical de Wolfgang Sawallisch destacam-se apresentações do *War Requiem*, de Britten, da versão-concerto de *Ariadne em Naxos*, de Strauss, do Ciclo Integral das Sinfonias de Beethoven, evento que não se dava desde a Temporada de 1936-37, e a participação da Orquestra da Filadélfia na cerimônia de encerramento da Conferência Presidencial de Cúpula sobre o Futuro das Américas. Ao longo de seus cinco anos como Diretor Musical, Sawallisch liderou e regeu a Orquestra da Filadélfia em duas turnês na Europa, duas turnês na Ásia, uma das quais incluiu apresentações na China, as primeiras desde a histórica turnê de 1973, e realizou, ainda, turnês nas Américas Central e do Sul e no Leste dos Estados Unidos.

WOLFGANG SAWALLISCH

Diretor Musical



Em sua quinta temporada como Diretor Musical da Orquestra da Filadélfia, Wolfgang Sawallisch mostra ter conseguido enriquecer e ampliar ainda mais a secular tradição de excelência desse conjunto praticamente lendário na história da música erudita norte-americana. Nascido em Munique, Wolfgang Sawallisch formou-se pela Academia de Música de sua cidade natal e começou sua carreira de regente em 1947, no Teatro da Ópera de Augsburg, onde atuou como preparador de cantores, maestro do coro e regente de balé, ópera e música de concerto. Em 1953, tornou-se o mais jovem maestro a reger a Filarmônica de Berlim, orquestra à qual está ligado até hoje, e a partir desse ano assumiu sucessivas posições como Diretor Musical em Aachen, Wiesbaden e Colônia, numa trajetória que o levaria a ocupar o pódio do Festival de Bayreuth de 1957 a 1962.




Nos anos 60, Wolfgang Sawallisch foi Diretor Musical da Filarmônica de Hamburgo e da Sinfônica de Viena, orquestras que reconheceram sua contribuição homenageando-o com os títulos de Membro e Regente Honorário. Diretor Artístico da *Orchestre de la Suisse Romande* entre 1973 e 1980, Sawallisch esteve à frente também, por mais de 21 anos, da Ópera Estatal Bávara de Munique, como seu Diretor Musical e, nos dez últimos anos de sua gestão nesse teatro, também como Intendente Geral.

Dentre as principais realizações de Wolfgang Sawallisch com a Orquestra da Filadélfia destacam-se: apresentações do *War Requiem*, de Britten; uma temporada completa consagrada a Joseph Haydn; a execução de inúmeras obras de Richard Strauss, inclusive uma versão-concerto de *Ariadne em Naxos*; uma extraordinária e inesquecível *soirée* dedicada a trechos de óperas de Wagner, em que o Maestro substituiu a Orquestra, retida por uma nevasca, acompanhando solistas e coro ao piano; o Festival Beethoven, durante a Temporada 1995-96; e as celebrações do centenário da morte de Brahms, no ano passado. Além disso, e dando continuidade ao tradicional compromisso da Orquestra da Filadélfia com a nova música, o Maestro Sawallisch tem não apenas encomendado novas obras, como também realizado importantes primeiras audições do repertório regular sinfônico e de concerto em Filadélfia. Desde que assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia, em 1993, Sawallisch e a Orquestra têm realizado bem-sucedidas turnês na Ásia, na Europa, nas Américas Central e do Sul e em todos os Estados Unidos.

Sob a batuta de Wolfgang Sawallisch, a Orquestra da Filadélfia realizou inúmeros registros para o selo *EMI Classics*, dentre os quais se destacam: gravações dedicadas à música de Bruckner, Tchaikovsky e Dvorák; um álbum com obras de Paul Hindemith, indicado para o *Grammy Award*; a gravação de transcrições orquestrais de Leopold Stokowski; e um ciclo de quatro álbuns com obras de Richard Strauss.

Por sua gigantesca contribuição à música e às artes, e como sinal da elevada estima de que desfruta no mundo todo, Wolfgang Sawallisch tem sido agraciado com importantes honrarias e distinções, dentre as quais a "Batuta de Ouro Toscanini", a ele atribuída em reconhecimento por seus 35 anos de trabalho no *Scala* de Milão, o título, único, de "Regente Honorário Laureado" da Orquestra NHK de Tóquio, à frente da qual se apresenta como Maestro Convidado desde 1964, e, ainda, o título de "Regente Honorário" da *Accademia Santa Cecilia*, de Roma. Excelente pianista, Wolfgang Sawallisch é apreciadíssimo também como músico de câmara e acompanhador, território musical em que são particularmente notáveis suas colaborações com artistas como Dietrich Fischer-Dieskau, Hermann Prey, Peter Schreier, Margaret Price, Thomas Hampson e o *München Residenz Quintet*, dentre outros.



THE PHILADELPHIA ORCHESTRA

Turnê Latino-Americana 1998

WOLFGANG SAWALLISCH, Diretor Musical
ANDRÉ RAPHAEL SMITH, Regente Assistente
LUIS BIAVA, Regente *in residence*

Primeiros Violinos

William de Pasquale, *Spalla* designado
Estante-Spalla Dr. Benjamin Rush
Michael Ludwig, *Spalla*-Associado
Nancy Bean, *Spalla*-Assistente
Herbert Light
Barbara Govatos
Barbara Sorlien
Larry Grika
Herold Klein
Vladimir Shapiro
Jonathan Beiler*
Arnold Grossi
Morris Shulik
Hirono Oka
Paul Roby
Kimberly Fisher
Richard Amoroso
Robert Chen
Julia Grayson-Standley**

Segundos Violinos

Luis Biava, Principal
Joseph Lanza, Principal-Associado
Philip Kates, Principal-Assistente
Jerome Wigler
Virginia Halfmann*
George Dreyfus
Louis Lanza
Stephane Dalschaert *
Booker Rowe
Davyd Booth
Paul Arnold
Yumi Ninomiya Scott
Dmitri Levin
Boris Balter
Yayoi Numazawa
Hee-Jin Leem**
Yuy Yuan**

Violas

Roberto Díaz, Principal
Choong-Jin Chang, Principal-Associado
Sidney Curtiss, Principal-Assistente
Judy Geist
Gaetano Molieri
Leonard Bogdanoff
Albert Filosa
Donald R. Clauser
Renard Edwards
Anna Marie Ahn Petersen
Stephen Werczynski
David Nicastro

Violoncelos

William Stokking, Principal
Estante Albert and Mildred Switky
Peter Stumpf, Principal-Associado
Lloyd Smith, Principal-Assistente
Richard Harlow
Gloria de Pasquale*
Kathryn Picht Read
Robert Cafaro
Ohad Bar-David
John Koen Camacho
John Haines-Eitzen
Derek Barnes
Alex Veltman

Contrabaixos

Harold Robinson, Principal
Michael Shahan, Principal-Associado
Neil Courtney, Principal-Assistente
John Hood
Emilio Gravagno
Henry G. Scott
David Fay
Duane Rosengard*
Robert Kesselman
William Tilley**

Periódica e voluntariamente, alguns membros das cordas revezam-se na ordem em que ocupam as estantes.

Flautas

Jeffrey Khaner, Principal
David Cramer, Principal-Associado
Loren N. Lind
Kazuo Tokito, *piccolo*

Oboés

Richard Woodhams, Principal
Estante Oboé-Solista Samuel S. Fels
Peter Smith, Principal-Associado
Jonathan Blumenfeld
Elizabeth Starr Masoudnia, Corne-inglês

Clarinetes

Donald Montanaro, Principal designado
Estante Clarinete-Solista Volunteer Committees
Raoul Querze
Ronald Reuben, Clarineta-baixo

Fagotes

Bernard Garfield, Principal
Mark Gigliotti
Angela Anderson
Holly Blake, Contrafagote

Trompas

Nolan Miller, Principal
David Wetherill, Co-principal
Jeffry Kirschen
Daniel Williams
Shelley Showers
Adam Lesnick **

Trompetes

David Bilger, Principal
Christopher Martin, Principal-Associado
Robert W. Earley
Roger Blackburn

Trombones

Nitzan Haroz, Principal
Tyrone Breuninger, Principal-Associado
Eric Carlson
Blair Bollinger, Trombone-baixo

Tuba

Paul Krzywicki

Tímpanos

Don S. Liuzzi, Principal
Michael Bookspan, Principal-Associado

Percussão

Michael Bookspan, Principal
Anthony Orlando
Thomas Blanchard**

Piano e Celesta

Kiyoko Takeuti

Harpas

Elizabeth Hainen DePeters, Principal
Margarita Csonka Montanaro, Co-principal

* Licenciado

** Substituto

Bibliotecários

Clinton F. Nieweg, Principal
Robert M. Grossman
Nancy M. Bradburd

Equipe de Palco

Edward Barnes, Coordenador
James J. Sweeney, Jr.
James P. Barnes

The Philadelphia Orchestra Association

Peter A. Benoliel, Presidente
Robert J. Butera, Vice-Presidente
Carole F. Haas, Vice-Presidente
Beverly A. Harper, Vice-Presidente
Jeremiah P. O'Grady, Vice-Presidente
George M. Ross, Vice-Presidente
Richard L. Smoot, Vice-Presidente
Peter S. Strawbridge, Vice-Presidente
J. Clayton Underclofer, Vice-Presidente
James W. Zug, Vice-Presidente
Joseph H. Kluger, Diretor
David W. Huggins, Secretário
Senhora Frank J. O'Malley, Secretária-Assistente
Michael G. McDonough, Tesoureiro

Joseph H. Kluger, Diretor e Coordenador-Chefe de Operações
Suzanna Bernd, Coordenadora da Orquestra
Andrew Preis, Gerente de Comunicações
Thomas T. Warner, Coordenador de Operações e de Turnês
Simon Woods, Administrador Artístico

Os concertos de *The Philadelphia Orchestra* são subvencionados pela agência federal *The National Endowment for the Arts* e pela agência estadual *Pennsylvania Council on the Arts*.

THE PHILADELPHIA

WOLFGANG
Diretor

TURNÊ LATINO-AMERICANA

25 DE MAIO, SÃO PAULO

PROGRAMA

WOLFGANG SCHARUNKE

Primeira parte

CARL MARIA VON WEBER (1786 - 1826)

ABERTURA EURYANTHE

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY (1809 - 1847)

SINFONIA Nº 3, EM LÁ MENOR, OPUS 56, "ESCOCESA"

ANDANTE CON MOTO - ALLEGRO UN POCO AGITATO - ASSAI ANIMATO - ANDANTE

VIVACE NON TROPPO

ADAGIO

ALLEGRO VIVACISSIMO - ALLEGRO MAESTOSO ASSAI

The Baldwin Piano é o piano

The Philadelphia Orchestra grava para os selos EMI, RCA Red Seal

A Turnê Latino-Americana 1998 de The Philadelphia Orchestra conta com

PHIA ORCHESTRA

G SAWALLISCH
or Musical

AMERICANA 1998

SEGUNDA-FEIRA, 21H

GRAMA

AWALLISCH, Regente

Segunda parte

PIOTR ILICH TCHAIKOVSKY (1840 - 1893)

SINFONIA Nº 5, EM MI MENOR, OPUS 64

ANDANTE - ALLEGRO CON ANIMA

ANDANTE CANTABILE, CON ALCUNA LICENZA

VALSE: ALLEGRO MODERATO

ANDANTE MAESTOSO - ALLEGRO VIVACE

oficial de The Philadelphia Orchestra.

by, Decca, Deutsche Grammophon, Delos, Telarc e CBS Masterworks.

o Patrocínio de CIGNA Corporation, CIGNA International e INA Seguradora S.A.

CARL MARIA VON WEBER

(Eutin, 18/11/1786 – Londres, 5/6/1826)

ABERTURA EURYANTHE

Como Mozart, Schubert e Chopin, Carl Maria von Weber morreu antes de completar 40 anos. E do mesmo modo que esses compositores – e a despeito de problemas financeiros, de um envenenamento acidental, de periódicas prisões por dívida e de uma longa batalha contra a tuberculose –, foi enormemente produtivo em sua carreira um tanto breve. “Em minha juventude, aprendi a amar a música através da minha admiração pelo gênio de Weber”, disse ninguém menos do que Richard Wagner, cuja dívida para com as inovações operísticas do compositor era enorme.

Embora Weber sentisse que escrever óperas fosse sua mais elevada vocação, somente nos últimos seis anos de vida é que finalmente teve a oportunidade de compor as três óperas pelas quais é mais conhecido hoje em dia e que tomaram merecido lugar entre as obras-primas do romantismo germânico: *Der Freischütz*, *Euryanthe* e *Oberon*. A primeira, *Der Freischütz*, de 1821, foi um inesperado sucesso que se alastrou como fogo pelos teatros de língua alemã. Seu recurso a temas e personagens extraídos das classes populares da sociedade calou fundo nas platéias do século XIX. Weber enriqueceu esses temas populares com tópicos revolucionários de heroísmo e sacrifício, com melodias populares autênticas e com elementos

de magia e feitiçaria, estes expressos, com frequência, mediante efeitos instrumentais bizarros e inovadores.

Esses mesmos elementos voltam a aparecer na segunda grande ópera de Weber, *Euryanthe*, apresentada pela primeira vez em Viena, em outubro de 1823. A obra baseia-se em uma lenda medieval de um marido presunçoso e tolo que aposta na fidelidade de sua esposa, o que faz seus inimigos apresentarem falsas provas contra a mulher. Com base nelas, o marido condena a esposa à morte. Contudo, ao final, ela consegue provar sua fidelidade e os dois reconciliam-se. A versão anterior dessa lenda nada moderna é o épico francês "A história do nobre cavaleiro príncipe Gérard, conde de Nevers, e da casta princesa Euriant de Savoy", e esse mesmo motivo aparece ao longo da história da literatura em obras de Boccaccio, Shakespeare (*Cymbeline*) e Bernard Shaw.

Weber deu à ópera uma de suas mais poderosas aberturas. Como em *Freischütz*, a abertura de *Euryanthe* introduz vários dos temas principais da obra. A Abertura tem início com uma dinâmica figura em tercinas nas cordas, seguida por uma amável melodia nos violoncelos e por um triunfante tema principal nos violinos. O *Largo* que intervém, escrito para oito violinos em surdina, é extraído da cena do fantasma, típica incursão do primeiro

romantismo no sobrenatural. Uma passagem de elaborado desenvolvimento contrapontístico conduz a uma volta aparatosa do tema principal.

A Abertura *Euryanthe* é escrita para duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, quatro trompas, dois trompetes, três trombones, tímpanos e cordas.

FELIX MENDELSSOHN-
BARTHOLDY

(Hamburgo, 3/2/1809 – Leipzig, 4/11/1847)

SINFONIA Nº 3, EM LÁ MENOR,
OPUS 56, “ESCOCESA”

Do mesmo modo que as primeiras viagens de Mozart pela Europa, o “grande giro” europeu de Mendelssohn, empreendido de 1829 a 1834, teve um profundo impacto em sua música. Várias de suas mais conhecidas composições – como as aberturas “Mar Sereno e Viagem Próspera” e “Hébridas”, e as sinfonias “Italiana” e “Escocesa” – têm origem direta nessa viagem de cinco anos, quando o jovem compositor saiu da provinciana Berlim para ver o mundo pela primeira vez. Contudo, ao contrário do Mozart criança, que assimilava os estilos musicais de França, Itália, Boêmia e Áustria, Mendelssohn chegava às capitais européias com sua personalidade musical já formada. Assim, o que o rapaz de 20 anos absorveu em Londres, Roma, Paris, Salzburgo e Viena foi muito mais a atmosfera e a variedade musicais, que o levaram ao aprofundamento e ao enriquecimento de uma técnica já adquirida e de seu brilhante talento nato.

A Inglaterra e a Escócia foram umas de suas primeiras etapas na viagem. “Esta tarde, no crepúsculo, vamos ao palácio onde a rainha Maria viveu e amou”, escreveria Mendelssohn à irmã Fanny, de Edimburgo, em julho de 1829. O jovem turista alemão foi bater por acaso no castelo conhecido como Holyrood, cujas histórias o fascinaram a tal ponto que ele escreveria: “Existe lá um pequeno aposento com uma escada em caracol que leva à porta. Foi por esse caminho que eles chegaram, encontraram Rizzio nesse quatinho e dele

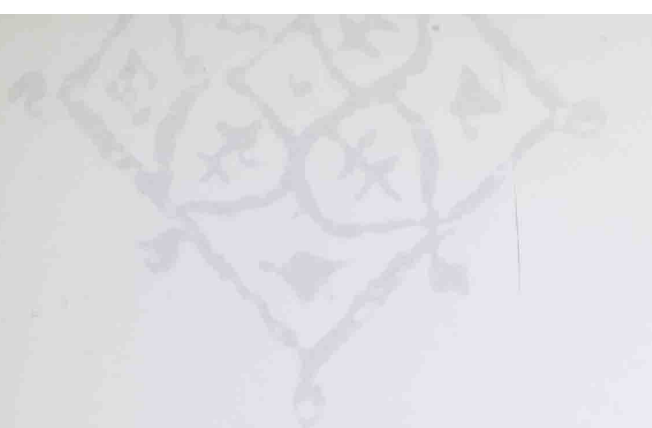
arrancaram-no; e três aposentos além encontra-se o canto escuro onde o assassinaram. A capela vizinha está hoje sem teto; o mato e a hera crescem lá, e o altar em que Maria foi coroada rainha da Escócia está em ruínas. Tudo em volta está em destroços, esfacelando-se, e vê-se, de dentro, o céu límpido a brilhar. Creio ter encontrado hoje nessa capela o início da minha sinfonia 'Escocesa'".

A despeito dessa auspiciosa inspiração inicial, evocada em 16 compassos de esboços musicais, Mendelssohn só iria trabalhar seriamente em sua sinfonia "Escocesa" muitos anos mais tarde. Logo depois da visita acima, ele foi para a Itália e, deslumbrado pelo sol e pelo calor, escreveria: "Quem pode me censurar, se não me sinto capaz de voltar ao clima brumoso da Escócia?" A atmosfera escocesa dissipou-se e o compositor empreenderia então o trabalho nas sinfonias "Italiana" e "da Reforma", voltando à "Escocesa", para completá-la, em 1842. A Sinfonia nº 3, portanto, foi a última que Mendelssohn concluiu, mas como a "Italiana", de número 4, e a "da Reforma", de número 5, foram publicadas depois dela, a numeração reflete a ordem da concepção e não a da escrita.

A "Escocesa" teve sua primeira audição mundial em março de 1842, com Mendelssohn à frente da Orquestra do *Gewandhaus* de Leipzig; três meses depois, o compositor regeria a obra em Londres, dedicando-a à rainha Vitória.

Na verdade não foi o próprio Mendelssohn quem deu a esta peça a designação de "Escocesa", apesar de assim ter-se referido a ela em sua correspondência; de qualquer maneira, a obra guarda um perceptível sabor da tristeza neoveneta e antiga das verdes colinas da Escócia. Os movimentos dessa sinfonia, estruturalmente única, "podem encadear-se diretamente", como escreveu o compositor na partitura manuscrita, "não devendo ser separados pelas longas pausas costumeiras". A taciturna introdução (*Andante con moto*) conduz a uma áspera seção principal (*Allegro un poco agitato*). Segue-se um vibrante *scherzo* (*Vivace non troppo*), mas o sentido de melancolia retorna no *Adagio*, que busca inspiração temática nas últimas composições de Beethoven. O complexo *finale* (*Allegro vivacissimo – Allegro maestoso assai*) evolui furtiva e inexoravelmente para um clímax de majestade e alegria ricamente preparado, mas sempre tingido pela atmosfera de melancolia, pervasiva nesta Sinfonia "Escocesa".

A Sinfonia nº 3, em Lá menor, opus 56, "Escocesa", é escrita para duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, quatro trompas, dois trompetes, tímpanos e cordas.



PIOTR ILICH
TCHAIKOVSKY
(Kamsko-Votkinsk, 7/5/1840 –
São Petersburgo, 6/11/1893)

SINFONIA Nº 5,
EM MI MENOR, OPUS 64


Nos anos recentes, uma nova visão da vida e da personalidade de Tchaikovsky começou a vir à luz. Nela, a tradicional imagem de um homem histérico e compulsivo vem sendo substituída pela idéia de um músico altamente profissional, cuja conduta e cujos hábitos consideraríamos hoje, sem quaisquer dúvidas, intimamente ligados. Tchaikovsky era um músico completo: quando compunha e regia, cumpria sua função com entusiasmo e competência, raramente permitindo que as angústias pessoais perturbassem seus compromissos. Escreveu música prodigiosamente e mesmo suas obras secundárias são excelentes. As melhores, nem é preciso dizer, contribuíram para redefinir a música de sua época, bem como a música do século XX.

É certo que suas cartas e seu diário revelam, com freqüência, um espírito angustiado. Mas qual grande artista criador não enfrenta conflitos desse modo? O simples fato de Tchaikovsky ter sido capaz de compor, em meio à sombria agitação que marcou as décadas de 1870 e 80,

uma série de obras-primas tão sadias e perfeitamente elaboradas atesta sua força, sua maturidade e seu espírito criador, que permaneceu sempre áspero, vigoroso, fresco.

Não se pode negar que a música desse período seja tempestuosa e aflita. De fato, em poucas obras de Tchaikovsky encontramos mais tumulto do que em suas três últimas sinfonias. Mas trata-se sempre de um tumulto catártico, de um tipo que somente um grande gênio pode trazer à luz. Essa catarse talvez encontre sua mais perfeita e burilada realização na V Sinfonia, de 1888. Situada entre a tórrida Quarta, de 1877/88, e a trágica Sexta, de seu derradeiro ano de vida, a V Sinfonia foi composta quando Tchaikovsky ainda era um robusto homem de 48 anos, em um momento de sua vida em que dificilmente poderia imaginar não lhe restarem mais do que cinco anos pela frente.

Tchaikovsky começou a trabalhar na V Sinfonia em maio de 1888, inspirado talvez pelos arredores idílicos da casa de campo familiar de Frolovskoye e pelo enorme sucesso que suas obras haviam recém-alcançado na bem-sucedida turnê de concertos que o compositor regera meses antes nas principais cidades européias. Em março de 1888, quando a turnê chegava ao fim, o compositor escreveria em seu diário: "Preciso voltar para casa, preciso fazer as malas"... "Compor para quem? Continuar compondo? Não vale muito a pena. Provavelmente estarei fechando meu diário, para sempre, com esta





anotação. A idade se manifesta – a morte talvez esteja próxima, também. Será que isso tudo vale a pena?” Poder-se-ia dizer que Tchaikovsky estivesse simplesmente temperando sua coragem para a tarefa que sabia ter diante de si. A Quinta Sinfonia já se encontrava em sua cabeça.

O compositor sempre foi assediado pela dúvida, embora quase sempre fosse capaz de responder a ela com truculência. Com efeito, completou sua V Sinfonia rapidamente, como se desafiando essa sua dúvida, como se para provar ser ainda capaz de produzir uma grande obra dentro da melhor tradição romântica. Contudo, após a primeira audição da Sinfonia, em São Petersburgo, no outono de 1888, a dúvida retornou. “Depois de cada apresentação sinto-me mais convencido de que foi um fracasso”, escreveria. Mas a verdade é que a V Sinfonia tornou-se um sucesso e em apenas uma década passou a integrar o repertório da maioria das grandes orquestras do mundo.

Como a Quarta e a Sexta Sinfonias, a Quinta ganhou corpo a partir de um programa abstrato e sonhadamente poético, que o compositor mais tarde negou. “Uma total submissão ao destino e aos atos inescrutáveis da providência”, escreveria sobre o que inspirara a obra, mencionando também dúvidas, queixas, tristeza e a vontade de “atirar-me nos braços do destino”. Como na Quinta Sinfonia de Beethoven, a luta de Tchaikovsky com o destino toma a forma de um dramático

motivo temático – ouvido primeiro nos clarinetes, logo no início da Sinfonia –, que reaparece ao longo de toda a Sinfonia em variadas alterações e transformações.

O primeiro movimento introduz delicadamente o motivo (*Andante*) antes de transformá-lo no tema principal (*Allegro con anima*). O movimento mais conhecido da obra é sem dúvida o segundo (*Andante cantabile*), uma melodia deliciosamente lírica cuja primeira estrofe é cantada pela trompa solo. O terceiro movimento, uma delicada valsa (*Allegro moderato*), traz ecos do motivo temático que aparecem através de superfície calma e tremulante. O *finale* começa lento (*Andante maestoso*), com o motivo do destino discretamente exposto em Mi maior, e continua com um animado *Allegro vivace*, ao fim do qual o ouvinte quase acredita que o movimento chegou a seu final. Mas não: a Sinfonia encerra-se com uma triunfal reiteração do tema inicial, com toda a orquestra e as madeiras tocando em ligeiras tercinas. Como se o protagonista tivesse se confrontado com o destino, essa reexposição do motivo temático constitui seu grito de vitória.

A Sinfonia nº 5, em Mi menor, opus 64, é escrita para três flautas (a terceira flauta dobrada pelo *piccolo*), dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, quatro trompas, dois trompetes, três trombones, tuba, tímpanos e cordas.

DEPARTAMENTO DE TEATROS

Diretor

José Carlos Benedito

Assistentes

Marcos Roberto, Débora Eduarda Resende Sindona, Dr. Fábio Dutra Perez, Maraíza Caldeira Nascimento, Rosenvalter Gerônimo da Silva, Sonia de Lourdes Cavalheiro, Suzel M. P. Godinho, Tereza Cresto Mendes, Sara G. Nasralla

Diretora da Divisão Administrativa

Branca Lopez Ruiz

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Supervisor Geral das Atividades Artísticas e Administrativas
Vicente Amato Filho
Coordenadora Geral das Atividades Cerimoniais
Maria Rosa Tarantini Sabatelli
Coordenadoria dos Corpos Estáveis
Miriam Mazzei
Administração da OSM
Arlete Marques
Inspetor
Aroldo de Brito
Administração do Coral Lírico e Paulistano
Celene Melo
Inspetores
Vera Lucia Felipe
Dilson C. da Silva
Arquivo Artístico
Nilcéia Baroncelli
Arquivistas
Elizabeth Göttel
Carlos Nunes
Silvia Pinedo
Neide Comenda
Waldemar
Fransceschini
Osvaldo Mori

Copista
Israel B. de Almeida
Concertos do Meio-Dia e Vesperais Líricas
Regina Elena
Mesquita
Coordenadoria Administrativa
Sandra Regina Vieira
Engenheiro
Sérgio Martins
Arquiteto
Denise de Alcantara
Manutenção
Joaquim Nunes
Agente Arrecadadora Encarregada
Elizabeth De Pieri
Coordenadoria de Cenotécnica
Cleusa Fernandez
Auxiliares Administrativas
Nancy Pires
Laise Figueiredo
Cenotécnica
Aníbal Marques (chefia)
Maquinaria
Sidney Fonseca (chefia)

Técnicos de Palco
Antonio Claudino
Carlos Ávila
Edson Astolfi
Jaime Minitti
Wagner Cardoso
Jesus Armando
José Mendonça
José Carlos Santos
Jorge Santos
Manoel dos Santos
José Muniz
Iluminação
Carlos Cafali (chefia)
Técnicos de Iluminação
Alfredo Barreto
Ivo Filho
Ivo Neto
Luciano Aparecido Paes
Luiz Adail de Souza
José de Souza
Pedro Souza
José Raul
Operadores de Mesa de Iluminação
José Raul
Anselmo Plaza
Sonoplastia
José Carlos Ribeiro

Guarda-roupa
Michi Maeda (chefia)
Malvina Gabriel
Maria Ana Santos
Maria de L. Marconato
Maria Julieta de Souza
Maria Perini
Olga Nigro
Suely dos Santos
Thomázia Donádio
Contra-regragem
Pedro Pinotti (chefia)
Marcelo Bessa
Márcio Marciano
Luiz Leão
Carlos Bessa
Janaina Magalhães
Montadores de Orquestra
Aparecido Gabriel
César Alves
Ivo Barreto
Rubens Faria
Seção de Redação Artística e Programação Visual
Fátima Gilberti
Maria Helena dos Santos

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

PREFEITO CELSO PITTA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

SECRETÁRIO RODOLFO KONDER

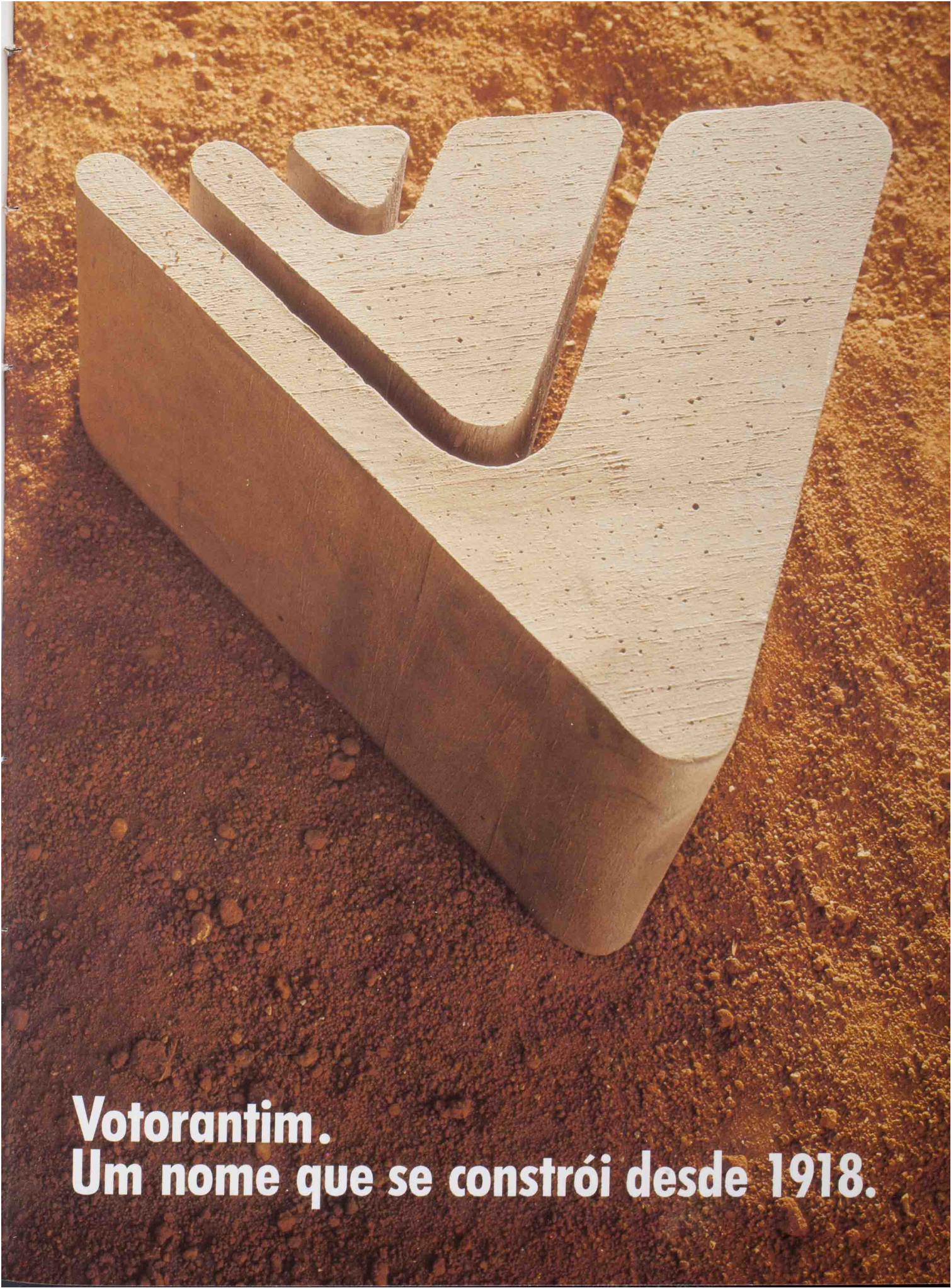


Prefeitura de São Paulo



SECRETARIA MUNICIPAL

COORDENAÇÃO EDITORIAL Rui Fontana Lopez PROJETO GRÁFICO Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA BVDA / Brasil Verde TEXTOS The Philadelphia Orchestra TRADUÇÕES Eduardo Brandão
FOTO WOLFGANG SAWALLISCH Abe Frajndlich FOTOLITOS E IMPRESSÃO OESP Gráfica



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Prefeitura de São Paulo



cultura
SECRETARIA MUNICIPAL



Votorantim